

O mais influente pensador conservador britânico, Roger Scruton elogia a pauta econômica de Bolsonaro, mas critica sua política ambiental. Para o filósofo, a Amazônia deveria ser transformada em parque nacional brasileiro, a partir de um acordo internacional

por André Duchiede

14 PERGUNTAS PARA

SCRUTON



1. O que é ser um conservador?

Escrevi muitos livros sobre isso. Um conservador é alguém que deseja conservar as coisas boas que temos. Ele também precisa descobrir quais são as coisas boas, para preservá-las, e quais são as ruins, para tentar reformá-las. Mas, essencialmente, é um reconhecimento de que há algo bom e positivo subjacente em nossa natureza social. Essa herança é diferente de lugar para lugar, país para país e época para época. Mas um conservador sempre está à procura dela e, quando encontra, fará o melhor que puder para apoiá-la.

2. E como medir e diferenciar o que é bom e o que é mau?

Obviamente, o que é bom é o que contribui para a felicidade humana. O que nos permite viver juntos em paz, desfrutando do prazer e da alegria, na companhia um do outro. Conhecemos instintivamente quais são essas coisas, mas não necessariamente sabemos como expressar isso em palavras. Essa tradução é a tarefa de um conservador como eu.

3. Como o senhor vê a ascensão do nacionalismo e da extrema-direita internacionalmente?

Essa é uma pergunta complicada, porque há diferentes tipos de nacionalismo. Alguns são muito naturais e normais. Os brasileiros têm orgulho do Brasil, orgulho de seu time de futebol e de seu país, mas não são necessariamente nacionalistas como eram os nazistas. Na superfície, essas preferências, ideias e lealdades nacionais são coisas boas. É só quando são estimuladas para tomar o lugar de toda a discussão política que se tornam perigosas. Mas isso é verdade sobre todas as coisas que geram empolgação demais. Hoje, muitas pessoas procuram raízes e algum tipo de vínculo à história, e as ideias nacionais se tornaram muito importantes. É necessário diferenciar as formas civilizadas de suas formas primitivas.

4. Como efetuar essa diferenciação?

Uma forma civilizada reconhece que há muitas diferenças entre as pessoas. Há um estado de direito que deve ser seguido por todos, mas que não crie uma religião da própria identidade. Uma forma primitiva é aquela em que as pessoas são encorajadas a pensar que todos que não compartilham da identidade nacional são inimigos e devem ser combatidos. Esse é um modo fácil para um político conseguir que as pessoas se unam e formem uma unidade. No passado, muitos ditadores usaram essa ideia.

5. No Brasil, alguns que se dizem conservadores defendem, por exemplo, fechar o Congresso ou o Supremo Tribunal. Essa é uma postura conservadora?

Fechar a Suprema Corte, sem ter qualquer ideia muito clara em mente, é uma ideia muito perigosa. Foi o que fez a Revolução Soviética, e o resultado foi que não houve mais estado de direito no país por 70 anos. Toda a tirania que decorreu disso é bem conhecida. Cada país tem uma herança de instituições que não são necessariamente boas ou perfeitas, mas é muito mais razoável reformá-las que aboli-las.

6. Há alguma diferença entre um reacionário e um conservador?

Há muitas diferenças. Um reacionário é alguém que é essencialmente negativo. Ele sempre reage contra algo, seja o que for, seja um tipo de ideologia progressista ou um grupo. Já um conservador se define por aquilo que ele é a favor, não por suas oposições. Ele é a favor de uma herança na qual vê algo precioso e valioso para a comunidade.

7. Quais são os valores e as formas de vida que o senhor considera mais ameaçados hoje?

Uma coisa que é muito vulnerável na sociedade moderna é a família. A família é a raiz do sentimento de pertencimento de uma pessoa. É o que define seus objetos de amor, é onde as pessoas encontram e dão amor. Se você destrói isso, as pessoas ficam extremamente sozinhas.

8. O que ameaça as famílias?

A mobilidade das pessoas, que as leva para várias partes ao redor do mundo e as faz se esquecer de seus vínculos. As pessoas também se divorciam com facilidade, se casam e se divorciam no dia seguinte. As crianças são abandonadas, para ser cuidadas pelos avós, o que é comum especialmente nos países ricos.

9. E o senhor entende que uma família pode ser formada por duas pessoas do mesmo gênero?

Isso está acontecendo. A pergunta é que tipo de família é essa, se ela vai durar e o que produzirá. Essa é outra questão. Se durar, e o afeto crescer, então é uma possível família.

10. O que sabe do presidente brasileiro?

Só o que leio na imprensa, e não sei se quero dizer qualquer coisa sobre ele. Ele obviamente é um personagem. Mas estou no Brasil e não quero dizer nada que ofenda as pessoas. Não sei o suficiente.

11. O senhor se sente confortável com as posições dele?

Eu me preocupo com suas políticas ambientais, obviamente, mas aprovo seu empreendedorismo, o modo como ele quer que os brasileiros usem suas energias para melhorar as próprias condições e a economia. Ele também não é um esquerdista e não tem todas essas visões sobre redistribuição de riqueza e por aí vai. Então sou bem simpático a esse lado econômico. Mas não ao lado ambiental.

12. O que seria uma abordagem conservadora em relação ao meio ambiente?

É dizer que o meio ambiente é nossa responsabilidade e que precisamos, como cidadãos, nos juntar para preservá-lo. Não devemos deixar ao Estado, ou a multinacionais, nem nada disso, embora sejam importantes. Um dos grandes problemas ambientais é que tentamos afastar o problema de nós, nós o jogamos para o Estado, achando que ele vai tomar conta disso, e o Estado não faz isso.

13. E quando se trata de algo que não está tão perto de nós, como a Amazônia?

Esse é um grande problema que os brasileiros têm, e que também nos afeta, porque a Amazônia é muito importante para todo o planeta. Vocês têm de se unir a outras pessoas para fazer o possível para protegê-la. É um assunto da sociedade civil, não tanto questão do Estado. O Estado responderá se as pessoas mostrarem que se importam.

14. Mas o Estado tem um papel a desempenhar?

Ele tem, quando é algo tão grande, porque eu e você não podemos ir até lá e cuidar da Amazônia. O Estado pode estabelecer instituições para monitorar e preservar, e aí por diante, algo que todos os Estados fazem. Sempre há parques nacionais. Minha visão é que deveria haver um acordo internacional para manter a Amazônia como um parque nacional brasileiro mantido por todos os países que têm interesse lá. Abordagens globais às vezes são necessárias, porque nem sempre é possível garantir uma abordagem nacional. Não há como limpar os oceanos, tampouco, se não tivermos uma abordagem global.